

**A PRESENÇA DO FALO NA MAÇONARIA:
uma interpretação da linguagem simbólica sob a perspectiva psicanalítica**

(THE PRESENCE OF PHALLUS IN FREEMASONRY:

an interpretation of symbolic language at psychoanalysis perspective)

Renato Faria da Gama ¹

Resumo

A maçonaria utiliza a linguagem simbólica para transmissão de seus ensinamentos. A maioria de suas metáforas é obtida da interpretação de materiais usados pelos construtores medievais, embora diversas matrizes culturais, filosóficas e religiosas também tenham emprestado seus símbolos à Ordem. Neste artigo o autor propõe a interpretação dos signos maçônicos pela perspectiva psicanalítica e identifica diversos objetos e personagens que representam a identidade masculina. Conclui apontando para a possibilidade de o falo influenciar de forma importante o pensamento e doutrinas maçônicas, mesmo que de forma inconsciente.

Palavras-chaves: Maçonaria; Simbologia; Psicanálise; Falo.

Abstract

Freemasonry uses symbolic language to transmit its teachings. Most of its metaphors are derived from the interpretation of materials used by medieval builders, although various cultural, philosophical, and religious matrices have also lent their symbols to the Order. In this article the author proposes the interpretation of the Masonic signs by the psychoanalytical perspective and identifies several objects and personages that represent the masculine identity. He concludes by pointing to the possibility that the phallus significantly influences Masonic thought and doctrines, even if unconsciously.

Keywords Freemasonry; symbology; psychoanalysis; phallus.

¹ Renato Faria da Gama é graduado em Medicina pela UERJ em 1994, com residência em Clínica Médica - Área de Concentração em Neurologia pela UEL, em 2001. Tem Mestrado em Saúde Coletiva - Área de Concentração em Política, Planejamento e Administração em Saúde pelo IMS/ UERJ, em 2016. E-mail: renatofgama@gmail.com

1. Introdução

Há quem considere a psicanálise um tema ultrapassado ou excessivamente atrelado às questões da sexualidade humana (ANJOS, 2013). Independentemente da simpatia (ou antipatia) pelas idéias psicanalíticas, ou mesmo do surgimento de novas teorias para a compreensão dos fenômenos neuropsíquicos, estas concepções continuam a ser aplicáveis a diversas situações cotidianas, especialmente naquelas onde o inconsciente se manifesta através da linguagem simbólica.

Na contemporaneidade racionalista do Século XXI poucas sociedades se declaram explicitamente simbólicas e adotam as alegorias como forma principal de transmissão dos seus saberes. Dentre estas poucas, a maçonaria preserva o uso dos instrumentos da geometria como significantes principais de seus ensinamentos, lançando mão, também, de metáforas obtidas de culturas, filosofias e religiões diversas na forma de matéria prima complementar para seus estudos (SOUZA, 2012).

O presente artigo nasceu do insight de um mestre maçom. Habitado à significação tradicional dos símbolos que adornam o templo, teve ao longo de seu processo psicoterápico individual uma súbita interpretação fálica dos instrumentos utilizados nas sessões maçônicas. O texto não pretende substituir a interpretação tradicionalmente transmitida nas sessões por uma significação reducionista ao viés psicanalítico. O autor também está ciente de que a imensa maioria dos maçons não é afeita à psicanálise e possivelmente irá rejeitar a proposta desta interpretação. No entanto, talvez contribua para que alguns poucos maçons amantes das ciências humanas, bem como profissionais da saúde mental possam utilizar esta discussão na ampliação da vasta possibilidade de compreensão dos mistérios da Arte Real.

2. Instrumentos, adornos e alegorias fálicas presentes no cotidiano maçônico

Desnecessário e excessivamente prolixo seria rever toda a literatura que discorre sobre a presença e importância do falo nas sociedades primitivas. Mesmo em textos escolares estão patentes a relação entre os deuses em todas as civilizações como garantidores de fecundidade, provisão e autoridade assumindo o papel masculino, por vezes caracterizado por

objetos do tipo alongado como as colunas (ROBERTO, 2015) ou personagens antropomórficos, alguns ostentando espadas, cetros, bastões, cajados, martelos, serpentes, ou mesmo possuidores explícitos de pênis proeminente. Apenas para citar alguns exemplos, o deus egípcio Min (CULTURA COLECTIVA, 2014), o nórdico Frey (BLANC, 2016) e o grego Priapos (NETO, 2006) eram divindades possuidoras de um órgão genital desproporcionalmente grande.

No templo maçônico os mestres, dotados de autoridade, empunham objetos alongados que representam seu poder: desde o cobridor com sua espada, o mestre de cerimônias (e diáconos em alguns ritos) com seus bastões, os vigilantes e o venerável mestre, com seus malhetes.² Também os instrumentos de trabalho de todos os graus da maçonaria simbólica apresentam formato alongado (cilíndricos com extremidades mais proeminentes ou pontiagudas), a saber, malho, cinzel, nível, alavanca, régua e espada. Em ambos os instrumentos a extremidade pontiaguda ou alargada pode denotar características fálicas.

À medida que os maçons percorrem sua escada de aprendizagem, sua autoridade e prerrogativas dentro da Ordem também são ampliadas, em sintonia com a concepção foucaultiana do binômio saber-poder (FOUCAULT, 1977). Do grau de aprendiz (a quem o direito à palavra pode ser negado durante as sessões, como no Rito Adonhiramita) até a plenitude do grau de mestre, podendo se perpetuar por um número variável de graus superiores (em número de 33 na maior parte dos sistemas filosóficos) a jornada de aprendizagem é descrita pelo termo "subir na escada de Jacó", em referência ao episódio quando este personagem sonhou com anjos que subiam e desciam os seus degraus (SANTA BÍBLIA, 2006). Coincidência ou não, Freud interpretou também o ato de subir escadas durante os sonhos como uma intenção inconsciente de um intercurso sexual (FREUD, 2013).

No que se referem aos paramentos, trajes maçônicos e títulos de recompensa (medalhas), todos estão incluídos na interpretação freudiana como representantes do falo, tanto no que concerne ao seu aspecto alongado com extremidade mais alargada, quanto em seu simbolismo de poder e autoridade. O terno, como roupa tipicamente masculina, o chapéu adotado em alguns ritos também reproduzem este sentido, muito especialmente o de abas baixas do Rito Adonhiramita, profundamente semelhante ao

² Este último um símbolo de caráter fálico bastante descrito na mitologia nórdica, que tem no deus Thor seu mais notório personagem (LANGER, 2015).

aspecto da glande.



Figura 1: Chapeu do Rito Adonhiramita, bastante semelhante ao aspecto anatômico da glande.

Fonte: <https://s3-sa-east-1.amazonaws.com/loja2/21738f7e72df846fb7b9809c83e40e45.jpg>

Merecem especial atenção as colunas à entrada do templo. Os capitéis, que por si sós, já foram sobejamente associados na literatura à extremidade peniana, na ornamentação do templo maçônico ainda são encimadas pelo globo celeste e terrestre. Vale aqui mencionar na íntegra as palavras de Eliphaz Levi a respeito do simbolismo fálico das colunas "B" e "J":

O equilíbrio humano tem necessidade de dois pés, os mundos gravitam sobre duas forças, a geração exige dois sexos. Tal é o sentido do Arcano de Salomão, figurado pelas duas colunas do templo, Jakin e Bo-has (LEVI, s.d.).

Por fim, parece relevante destacar o emblema universal da Ordem maçônica, representada pelo esquadro e o compasso, dispostos em formato de losango, com a letra G ao meio. Da vasta literatura semiótica até o imaginário popular o losango representa a genitália externa feminina, expressa desde o período pré-histórico como exemplificado nas figuras encontradas nas cavernas de La Madeleine.

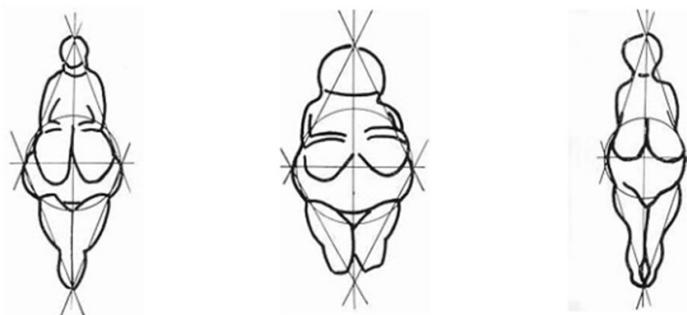


Figura 2: Ilustrações femininas em forma de losango, típicas das deusas Vênus do Paleolítico.

Fonte: <https://netnature.files.wordpress.com/2016/08/sem-tc3adtulo4.png?w=551&h=249>

3. Os símbolos fálicos enquanto inspiração para o arquétipo do "verdadeiro maçom"

A existência do falo na simbologia maçônica poderia, em tese, contribuir para a moldagem da personalidade do recém-iniciado. Com o intuito esclarecer este ponto, convém refletir sobre os modelos arquetípicos concebidos pelo pensamento de Jung. Mark e Pearson (2003) compilam doze arquétipos principais da psicologia analítica, organizados em quatro grupos (MARK e PEARSON, 2003). Deste conjunto alguns demonstram atributos muito característicos do maçom típico: O Herói, o Mago, o Explorador, o Sábio, o Prestativo e o Governante. Em todos os casos, traços de personalidade estão claramente descritos como características do "verdadeiro maçom", conforme escrevem os autores que expressam o pensamento da Ordem. Guimarães (2013) percorre a iniciação maçônica no Rito Escocês Antigo e Aceito por meio da jornada do herói, mencionando vasta discussão a respeito deste modelo arquetípico e personagens mitológicos evocáveis durante cada etapa deste primeiro encontro do neófito com os símbolos e alegorias (GUIMARÃES, 2013). No que respeita à magia, cumpre contemplá-la tanto sobre o aspecto místico quanto sob o simbólico. Muitas publicações de autores maçônicos consideram a prática sobrenatural como parte integrante dos mistérios da Ordem (ADOUM, 2010). Outros há (o autor se inclui neste segundo grupo) que compreendam o legado alquímico absorvido pelos Augustos Mistérios em seu significado simbólico, psíquico e filosófico, assim como o fez Jung (JUNG, 1991). Carvalho (2016) esmiúça um tema recorrente nos rituais, descrevendo as formas como o maçom deva ser um explorador da verdade (CARVALHO, 2016). Sobram exemplos de louvores a

maçons ilustres que ocuparam destaque na histórica política. Desnecessário seria enumerar as publicações que exaltam o altruísmo e o trabalho maçônico filantrópico enquanto atributo patente do caráter dos que (parafrazeando uma máxima maçônica) além de entrar na maçonaria, permitiram que a “maçonaria entrasse em si”.

Não somente os símbolos poderiam contribuir para a elaboração do ideal de vida do maçom, mas também os personagens selecionados para compor as histórias/ lendas transmitidas dentro das lojas. Neste raciocínio vale refletir sobre dois em especial: Boaz e Salomão. Desde o Primeiro Grau, é feita referência Boaz, que incorpora boa parte dos arquétipos descritos no parágrafo anterior: um líder prestativo que teve a sabedoria necessária para resgatar Rute de sua vulnerabilidade, estendendo seu braço de força (Boaz, do original hebraico “pela sua força”) para amparar a viúva, zelando pela honra desta e do seu falecido marido, materializando sua virilidade na geração de Obed, que pela lei hebraica do levirato deveria ser considerado herdeiro do marido morto de Rute. Também Salomão representa um modelo de governante, que se estabeleceu como o mais próspero rei de seu tempo, tanto pela capacidade de impressionar a Rainha de Sabá ao ostentar a grandeza do seu império, quanto pela perspicaz atuação enquanto juiz, ilustrada no episódio das duas mulheres que requeriam o direito de ser mãe de uma mesma criança. Salomão também é descrito em sua virilidade por ser “possuidor” de 700 mulheres e 300 concubinas (SANTA BÍBLIA, 2006).

Diante do previamente exposto, fica subentendido que as principais virtudes maçônicas podem ser representadas pelos arquétipos descritos acima, ambos simbolizáveis de forma subjetiva e inconsciente pelo emblema da virilidade, portanto, do falo: O líder beneficente e corajoso, amante da justiça e investigador da verdade em todas as suas dimensões (do lógico ao metafísico). Dos diversos textos rituais que ilustram a figura deste protótipo do másculo construtor do edifício social justo e perfeito, pode-se mencionar um notório fragmento que revela o espírito deste ideário:

- Para quê nos reunimos aqui?
- Para combater o despotismo, a ignorância, os preconceitos e os erros. Para glorificar a Verdade e a Justiça. Para promover o bem-estar da Pátria e da Humanidade,

levantando templos à Virtude e cavando masmorras ao vício (GRANDE ORIENTE DO BRASIL, 2009).

4. Considerações finais

O símbolo é, por natureza, polissêmico. Ao interpretá-lo, cada indivíduo se vale de suas crenças e valores obtidos como sua própria matriz cultural. Muito antes dos postulados freudianos as sociedades primitivas já expressavam seus saberes por meio da linguagem simbólica, dos conhecimentos míticos e místicos, os quais deram origem às mais diversas formas de filosofias, culturas e teologias, contribuindo inclusive para o que se entende hodiernamente como ciência. Alguns símbolos se revestem de significados ancestrais e sua interpretação frequentemente tem conteúdos subjetivos e inconscientes. Neste trabalho avaliamos a simbologia maçônica sob a óptica psicanalítica, com elementos das teorias de Freud e Jung. A associação das várias possibilidades de interpretação destes significantes é capaz de enriquecer as o aprimoramento do maçom, independente de concordar ou não com o significado atribuído por cada autor. Este artigo não pretende esgotar tema, apresentando, entretanto, uma proposta de ampliação dos debates a respeito de novas possibilidades de interpretação da simbologia maçônica.

5. Referências

- ADOUM, J. *Do mestre secreto e seus mistérios*. 16ª ed. São Paulo: Pensamento, 2010.
- ANJOS, S. A hipótese da obsolescência da psicanálise em Herbert Marcuse. In: *Caderno de Resumos do IX Seminário dos Estudantes de Pós-Graduação em Filosofia da UFSCAR*. São Carlos, 2013.
- BLANC, C. *Guia dos povos bárbaros: os mistérios dos conquistadores mais cruéis da história*. São Paulo: On Line Editora, 2016.
- CARVALHO, R. L. O Maçom e a busca da verdade. *Rev. Universo Maçônico*, dez. 2016.
- CULTURA COLECTIVA. *Estilo de Vida*. fev. 2014. Disponível em: <<https://culturacolectiva.com/estilo-de-vida/el-pene-organo-divino-de-la-fertilidad/>>. Acesso em: 02 jan. 2018.
- FOUCAULT, M. *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Forense - Universitária, 1977.
- FREUD, S. *A interpretação dos sonhos*. Porto Alegre,

Rio Grande do Sul: L&PM, 2013.

GRANDE ORIENTE DO BRASIL. *Ritual 1º. Grau - Aprendiz maçom - Rito Escocês antigo e aceito*. Brasília: Grande Oriente do Brasil, 2009.

GUIMARÃES, R. A iniciação maçônica: uma análise de sua mitologia por meio da jornada do herói. *Rev. Fraternitas in Praxis* v. 1, n. 1, 2013, p. 15-22.

JUNG, CG. *Psicologia e alquimia*. Petrópolis: Vozes, 1991.

LANGER, J. *Dicionário de mitologia nórdica: símbolos, mitos e ritos*. Uitgever: Hedra, 2015.

LEVI, E. *Dogma e ritual da alta magia*. Arauto do Chaos. São Paulo: Pensamento, s.d. Disponível em: <<https://arautodochaos.files.wordpress.com/2015/01/levi-eliphaz-dogma-e-ritual-de-alta-magia.pdf>>. Acesso em: 04 jan. 2018.

MARK, M.; C. PEARSON, C. S. *O Herói e o fora-da-lei: como construir marcas extraordinárias usando o poder dos arquétipos*. São Paulo: Cultrix, 2003.

NETO, J. A. *O Falo no jardim: priapeia grega, priapeia latina*. Campinas: Unicamp, 2006.

OUTEIRO PINTO, M. J. *Do meio-dia à meia-noite: compêndios maçônicos do primeiro grau*. São Paulo: Madras, 2007.

ROBERTO, P. As origens dos símbolos das colunas "J" e "B" na maçonaria. *O Malhete - Informativo maçônico, político e cultural*. jan. 2015. Disponível em: <<http://omalhete.blogspot.com.br/2015/01/as-origens-do-simbolo-das-colunasj-e-b.html>>. Acesso em: 02 jan. 2018.

SANTA BÍBLIA. *Velho Testamento*. Ebooks Brasil. 2006. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/biblia.pdf>>. Acesso em: 04 jan. 2018.

SOUZA, F. J. O. Organização, preceitos e elementos da cultura maçônica: fundamentos para a introdução aos estudos da maçonaria. *REHMLAC*, v. 4, n. 1, 2012, p. 125-140.

